

# RADIOJORNALISMO UNIVERSITÁRIO NO CONTEXTO DO RÁDIO EXPANDIDO E DO JORNALISMO MULTIPLATAFORMA: práticas de ensino no programa Espaço Experimental da UFPB

## UNIVERSITY RADIO JOURNALISM IN THE CONTEXT OF EXPANDED RADIO AND MULTIPLATFORM JOURNALISM: teaching practices in the program Espaço Experimental of UFPB

Patrícia MONTEIRO<sup>1</sup>

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Luís Augusto MENDES<sup>2</sup>

UNINASSAU | Brasil

### Resumo

As mudanças no processo de produção e veiculação radiofônica operam novos modos de ensinar e praticar o radiojornalismo. A partir das noções de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e jornalismo multiplataforma (SALAVERRÍA, 2014), este artigo apresenta práticas de ensino adotadas na expansão do conteúdo do programa laboratório Espaço Experimental - originalmente transmitido pelas ondas hertzianas - para a plataforma de streaming Spotify. Produzido pelos alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, o Espaço Experimental transmite programação noticiosa, a partir de pautas da própria universidade e de assuntos do cotidiano. Entende-se que, como elo entre a universidade e a comunidade, o programa amplia vozes, narrativas e escutas ao navegar nas ondas do streaming.

### Palavras-chave

Radiojornalismo; rádio expandido; jornalismo multiplataforma; Espaço Experimental.

### Abstract

The production process changes and the radio exhibition operate new ways of teach and practice of radio journalism. Based on the notions of expanded radio (KISCHINHEVSKY, 2016) and multi-platform journalism (SALAVERRÍA, 2014), this article presents teaching practices adopted in the expansion of the contents of the laboratory program Espaço Experimental, originally transmitted by radio waves, to the Spotify streaming platform. Produced by the students of the Journalism course, da Universidade Federal da Paraíba the Espaço Experimental broadcasts news, based on guidelines from the university everyday subjects. It is understood as a link between the university and the community, the program expands voices, narratives and listenings while surfing the waves of streaming.

### Keywords

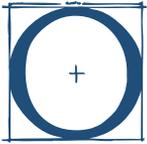
Radio journalism; expanded radio; multi-platform journalism; Espaço Experimental.

RECEBIDO EM 30 DE MARÇO DE 2020  
ACEITO EM 25 DE MAIO DE 2020

<sup>1</sup> JORNALISTA. Doutora em Comunicação pelo PPGCOM-UFPE. Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pelo PPGC-UFPB. Professora adjunta do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Contato: patriciamonteiro@gmail.com

<sup>2</sup> JORNALISTA. Doutor e Mestre em Psicologia Social pela UFPB. Professor da UNINASSAU João Pessoa e da Estácio Paraíba. Colunista da rádio CBN João Pessoa. Contato: luisaugustomendes@gmail.com

## Primeiras “escutas”: de que radiojornalismo estamos falando?



Ouvir rádio é elaborar imagens, evocar memórias, acolher os sons que se “deslocam” do aparelho e atingem os sentidos humanos. Pensar o rádio na atualidade é ampliar as possibilidades de alcance de uma mídia que tem forte penetração na vida cotidiana. Agora, é possível potencializar a forma de contar histórias - atividade tão cara ao fazer jornalístico – para além da escuta e dos meios tradicionais de emissão. Ganha o público, que pode ouvir rádio quando, como e onde quiser. Para quem produz, o desafio de incorporar novas habilidades à rotina.

O objetivo deste artigo é apresentar práticas de ensino, em andamento, nas disciplinas “Oficina de Radiojornalismo” e “Planejamento e Produção em Radiojornalismo”, ofertadas no 5º semestre do curso de bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Numa ação integrada, os discentes das disciplinas participam do processo de produção do programa de rádio laboratório Espaço Experimental.

Nesse sentido, demonstram-se as ações que viabilizam a produção do programa para a rádio Tabajara AM, sua distribuição por meio da plataforma de streaming Spotify e divulgação das edições nas redes sociais na internet. Os relatos consideram, sobretudo, o período compreendido entre agosto de 2018 - quando tiveram início as ações que culminaram na distribuição para o streaming - a março de 2020.

Não se pode ignorar o quanto a internet e os dispositivos móveis modificaram os modos de consumir e produzir informação. Desse modo, discute-se o radiojornalismo universitário a partir do contexto do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), do jornalismo multiplataforma (SALAVERRIA, 2014) e de práticas de ensino que consideram o transbordamento da mídia sonora (FERREIRA et al, 2019) neste cenário de mobilidade e convergência.

Estamos num tempo em que a convergência midiática coloca os meios de comunicação chamados tradicionais ou massivos em coexistência com as mídias digitais (JENKINS, 2009). Nesse contexto, as práticas de ensino do rádio também estão se adaptando ao jornalismo multiplataforma.

No cenário local, nota-se a redefinição de posicionamentos e estratégias por parte das emissoras de rádio paraibanas. Uma delas é utilizar jornalistas e radialistas para atuação em diferentes mídias de um mesmo grupo de comunicação, o que é uma prática adotada em todo país.

Em levantamento feito para a elaboração deste artigo, por meio da observação de sites e programas das mencionadas emissoras, verifica-se que a convergência entre mídias, sobretudo rádio e televisão, é uma realidade nas seguintes emissoras comerciais que operam em João Pessoa, na capital paraibana: Rádio Arapuan 95.3, TV Arapuan; Rádio 98 FM (TV Correio), Rádio CBN João Pessoa (TV Cabo Branco) e Rádio Band News FM Manaira (TV Manaira). Os locutores dos programas radiofônicos foram ou são âncoras nos principais telejornais das emissoras de TV citadas. Assim, são vozes que permanecem sob a escuta, o olhar e o imaginário do público em diferentes períodos do dia, condições de produção e plataformas midiáticas.

Também fora das emissoras comerciais encontra-se o transbordamento das ondas tradicionais para a internet. A Rádio Tabajara<sup>3</sup>, emissora oficial do Governo do Estado da Paraíba, expande sua programação para a internet, por meio do site e das redes sociais Instagram e Facebook. Um aplicativo da Rádio também permite o acesso aos programas via dispositivos móveis. Segundo Sousa (2005), ao lado do jornal impresso A União, a emissora já nasce estatal, em 1937, como parte do “esquema oficial de divulgação do governo da Paraíba, tendo a primazia de ser a primeira estatal da Radiodifusão brasileira”.

---

<sup>3</sup> A Rádio Tabajara (AM e FM) integra, ao lado do jornal A União, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). A rádio é a 64ª emissora mais antiga do País, foi fundada como um órgão do Governo do Estado da Paraíba, em janeiro de 1937.

No segmento da produção acadêmica na UFPB, a webrádio Porto do Capim<sup>4</sup>, vinculada ao Departamento de Comunicação (Decom), é um exemplo de produto nativo do ambiente digital. A webrádio nasceu em 2013 como projeto da mestrandia Edileide Vilaça, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olga Tavares, vinculada ao Decom. Inserida na Rede de Rádios Universitárias do Brasil, a rádio funciona como prática laboratorial para os alunos do curso de Radialismo da UFPB e como projeto de extensão, sob coordenação geral da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Meireles.

Outra experiência oriunda da universidade pública e que demonstra a expansão do rádio para ambientes digitais é o programa radiofônico Espaço Experimental. Transmitido pela rádio Tabajara, por meio de convênio com a UFPB, o programa não apenas manteve um lugar de referência no segmento da radiofonia universitária, formando diversas gerações de jornalistas atuantes no rádio local, como, também, tem se atualizado, em consonância com as demandas de um radiojornalismo convergente.

Prova disso é que o Espaço Experimental está presente nas redes sociais Facebook ([www.facebook.com/LaboratorioDeRadiojornalismoUfpb/](http://www.facebook.com/LaboratorioDeRadiojornalismoUfpb/)), Instagram ([www.instagram.com/espacoexperimentalufpb/](http://www.instagram.com/espacoexperimentalufpb/)) e na plataforma gratuita para criação de blogs, Blogspot ([www.espaco-experimental.blogspot.com/](http://www.espaco-experimental.blogspot.com/)). A partir de outubro de 2018, as edições passaram a ser veiculadas em aplicativos de streaming, como o Spotify, ampliando a escuta e as possibilidades narrativas, conforme será destacado mais adiante.

Os exemplos brevemente citados contribuem para compreendermos aspectos do transbordamento do rádio paraibano para além da transmissão analógica, a partir do levantamento de experiências em curso na Paraíba, em emissoras comerciais, naquela vinculada ao governo do Estado, e no âmbito

---

<sup>4</sup> Radio Porto do Capim. Disponível em: <<http://radioportodocapim.com.br/>>

da produção universitária realizada nos cursos de Radialismo e Jornalismo da UFPB. Este, por sua vez, é o interesse de pesquisa neste artigo: discutir o radiojornalismo expandido no âmbito da universidade e a partir das estratégias que permitem a integração entre mídias como uma expressão da convergência midiática e do jornalismo multiplataforma em curso.

## **Ouvindo mais longe: rádio expandido e práticas de ensino**

Há quase 20 anos, Meditsch (2003), ao refletir sobre o ensino do radiojornalismo a partir do advento da internet, enfatizava a importância da associação entre boas práticas de ensino e a formação de um “jornalista multimídia”, o que será melhor explicado mais adiante. Entende-se que as mudanças na sociedade e no jornalismo repercutem diretamente na formação discente. Como fazer convergir teoria e prática no ensino de radiojornalismo? Que possibilidades a internet promove para ampliar a produção e a disseminação do material gerado no âmbito da universidade?

Pensando em um exemplo simples e num gênero tão recorrente no radiojornalismo informativo, a reportagem pode avançar na contextualização dos acontecimentos ao ganhar uma galeria de fotos (no site ou no Facebook da emissora, por exemplo). O programa que podia ser ouvido estritamente em dia e hora determinados pela grade de programação, uma vez imerso no ciberespaço, viaja mais longe: para além dos limites da emissão hertziana.

Mídia sonora em ascensão, o podcast é a rádio a qualquer dia, hora e lugar, mas com uma oferta imensa de alternativas apto a torná-lo o que o ouvinte quiser: meio de informação, entretenimento, lugar para aprender um idioma ou simplesmente fruir entre músicas, entrevistas, mesas redondas, comentários, séries e o que mais estiver disponível nessa constelação de conteúdos sonoros online.

Diante dessa multiforme expressão do rádio e no desafio de defini-lo na contemporaneidade, Kischinhevsky (2016, p. 13) afirma que o rádio é “um

meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música”. Para o autor, o rádio é a mídia que mais se beneficia das novas formas de produção criadas pela convergência.

Compreendemos, com Jenkins (2009), que a convergência não é apenas de mídias, mas também cultural. O termo sintetiza, portanto, um conjunto de transformações postas em funcionamento a partir da internet,

A convergência midiática é o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que deseja. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

No que tange à produção radiofônica, por exemplo, a convergência mobiliza novos modos de produzir e disseminar informações. Antes, o jornalista produzia especificamente para um determinado meio de comunicação: rádio, jornal, televisão. Na atualidade, deve desenvolver habilidades diversas e complementares, uma vez que, segundo Lopez (2010, p. 22), “em um modelo integrado, não vai estar mais ligado a um suporte apenas. Sua produção deverá ser focada no conteúdo, independentemente da mídia”.

Os autores Salaverría e Negrodo (2008, p. 45) compreendem convergência como:

uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma.

Ao ultrapassar os limites das ondas hertzianas, o rádio busca os ouvintes em *sites* da internet, aplicativos, redes sociais, canais de TV por assinatura, serviços de escuta sob demanda, ou seja, a mídia sonora se

expande e multiplica, por sua vez, seu potencial de comunicação e de presença na vida das pessoas.

Compreende-se o rádio, portanto, no contexto da convergência, e o radiojornalismo expandido como um efeito das transformações tecnológicas em seus entrelaçamentos com a cultura. Utilizamos a definição de Kischinevsky (2016, p. 279) sobre o rádio expandido como um meio de comunicação que mobiliza amplas formas e estratégias de escuta:

A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação.

A ideia de proximidade entre o ouvinte e a voz que ecoa no aparelho é uma das características do rádio, além do imediatismo, instantaneidade, clareza, simplicidade (MEDITSCH, 2001). Ao investir nas possibilidades da internet, o rádio amplia também as estratégias de participação do público, criando laços entre este e a emissora.

A formação de laços sociais, entre os quais destacamos o que ocorre entre o jornalista e o usuário, é a essência das redes sociais na internet. Na perspectiva de Recuero (2009), o que constitui as redes sociais na internet são as representações dos atores sociais e de suas conexões.

Impregnada de interações e de aspectos individuais, coletivos e tecnológicos, as redes sociais na internet são um ambiente profícuo para a expansão do rádio. O Facebook e o Instagram, onde o Espaço Experimental opera o transbordamento, são redes sociais nas quais os sistemas de comunicação atuam em franca expansão na atualidade, disseminando textos, fotos, vídeos: novos modos de disseminar as informações do rádio, como também curiosidades e bastidores do universo noticioso.

Nas redes sociais na internet, como Facebook e Instagram, por exemplo, o usuário busca não apenas a atualização constante e instantânea das notícias, mas também comentar, compartilhar e produzir conteúdos. Nesse sentido, em pesquisa anterior (FERREIRA et al, 2019), demonstramos como o programa laboratório Espaço Experimental tem utilizado o Facebook e o Instagram para operar o transbordamento de suas narrativas das ondas do rádio para a internet, permitindo aos alunos uma atuação multiplataforma.

Ferrareto e Kischinhevsky (2010, p. 7) afirmam que “repensar o rádio à luz dos estudos de convergência, portanto, é inserir o meio em uma nova lógica de produção e de difusão de formas simbólicas, na qual grandes grupos de comunicação integram suas operações das mídias tradicionais”. Integrar o rádio com as plataformas digitais é oferecer ao discente a oportunidade de incorporar a “magia do rádio” aos recursos de texto, áudio e vídeo fornecidos pela multimídia e a convergência.

Ao pensar numa prática de ensino que possibilite o radiojornalismo expandido, é importante que se compreenda as ferramentas específicas de cada plataforma de mídia e também o potencial daquilo que os próprios alunos têm em mãos e tem sido um dispositivo importante na produção e compartilhamento multiplataforma, o smartphone.

## **Agregando sons e “muito mais”: possibilidades do jornalismo multiplataforma**

As tecnologias digitais e móveis implicaram na emergência de profissionais de comunicação aptos ao uso de diferentes mídias na produção e distribuição de informações antes restritas a um único veículo. Os jornalistas, por sua vez, assumem múltiplas funções: produzir, apresentar, editar, dirigir programas, fotografar, filmar, entre outras atividades inseridas nas diferentes linguagens comunicacionais - textual, sonora, audiovisual e multimidiática.

O jornalismo multiplataforma compreende a combinação de múltiplos formatos comunicativos, diversificando não apenas o leque de atividades

desempenhadas pelo profissional, mas também as linguagens e os conteúdos, conforme indica Salaverria (2014). Para esse autor, os conteúdos multimídia são constituídos pelos seguintes elementos: 1) texto; 2) fotografia; 3) gráficos), iconografia e ilustrações estáticas; 4) vídeo; 5) animação digital; 6) discurso oral; 7) música e efeitos sonoros; 8) vibração.

A prática jornalística no cotidiano tem sido cada vez mais pautada pelas ideias de expansão, mobilidade e convergência. No processo de produção da notícia, o jornalista do século XXI desempenha seu trabalho cercado de aparatos tecnológicos que o colocam diante da necessidade de produzir notícias para *smartphones* e *tablets*, reforçando o imaginário de consumo instantâneo das redes sociais na internet.

Em vista disso, Prata (2008, p. 50) destaca que “agora, com a nova radiofonia, o usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas, também, as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos e hipertextos”. Todo esse cenário traz muitas consequências ao campo do jornalismo. Uma das mais visíveis é a ampliação do acesso à informação e às ferramentas de transmissão e intercâmbio de dados.

Conectado aos dispositivos móveis, o radiojornalismo se expande, enquanto as redes sociais na internet potencializam a narrativa do vídeo em pequenas telas, nas quais o usuário pode fruir novas experiências de consumo, participação e adesão aos produtos midiáticos. Sendo assim, conforme indica Silva (2007), a mobilidade do cidadão demanda atualizações mais constantes por parte dos veículos de comunicação, o que impacta as rotinas produtivas e os modos de operar os processos de produção, também na universidade.

Devido a essa nova reconfiguração da sociedade, da mídia e da profissão, os futuros jornalistas, por sua vez, precisam estar habilitados a atuarem nas diversas plataformas em que o rádio está inserido, adaptando a linguagem para cada meio. Lopez (2010, p. 26-27) reforça que, embora num contexto de convergência e de integração de mídias,

Patricia **MONTEIRO** · Luís Augusto **MENDES**

a espinha dorsal da narrativa é sonora e, portanto, seu perfil multiplataforma envolve uma narrativa que, embora importante, é complementar. Mantém-se, assim, a identificação com o rádio, ainda um meio de comunicação próprio e que, aos poucos, atualiza-se.

O ouvinte na atualidade é estimulado a consumir não apenas o conteúdo do rádio hertziano, mas a permanecer conectado com a emissora, programas, apresentadores, repórteres e a outros ouvintes, tanto nas redes sociais na internet quanto por meio de aplicativos das rádios. Tudo isso implica num público mais conectado, que ouve rádio, vê imagens dos apresentadores e dos acontecimentos, envia áudios por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, como WhatsApp e, por fim, colabora ativamente com a construção e a expansão do conteúdo sonoro.

Com múltiplas formas de distribuir o áudio, o estudante de radiojornalismo passa a conviver com o desafio de aprender a linguagem radiofônica em paralelo com a sua difusão para ambientes cuja passagem do tempo e disponibilidade de oferta temática são cercados por desafios e possibilidades.

Diante desse contexto, e considerando a sala de aula como *lócus* privilegiado para a formação de profissionais aptos a produzirem conteúdo multiplataforma, apresentaremos a seguir as práticas de ensino, em andamento no curso de Jornalismo da UFPB, que têm viabilizado a produção e a expansão do programa Espaço Experimental para além das ondas da Rádio Tabajara.

## **Rádio é também “vibração”: as rotinas do Espaço Experimental**

O Espaço Experimental é um programa feito inteiramente por alunos do curso de Jornalismo da UFPB, sob a orientação de um professor responsável. Para além das características técnicas da ideia de vibração no rádio, tomamos a palavra neste tópico como metáfora, no sentido de estar junto e vibrar, em comum, teorias e técnicas, sala de aula, rua e estúdio,

academia e comunidade, na elaboração deste produto desenvolvido no laboratório de radiojornalismo da UFPB.

O programa foi transmitido pela primeira vez em 1985, na extinta Rádio Universitária da UFPB. Por iniciativa do fundador do programa, o professor Carmélio Reynaldo, que se aposentou em agosto de 2018, o Espaço Experimental passou a ser exibido na rádio Tabajara AM, aos sábados, às 9 horas da manhã, numa parceria estabelecida entre a UFPB e a emissora.

O convênio começou no ano de 1995 e permanece até os dias atuais. Em 2019, o programa inaugurou novas vinhetas e mudou também o horário de transmissão, que passou para às 10h da manhã.

O tempo de existência do Espaço Experimental e sua relevância para a formação dos estudantes demonstram uma das principais características do radiojornalismo nas universidades: frequentemente ele é voltado para estreitar os contatos entre a população e a academia. Conforme Prata e Del Bianco (2016, p. 204), o radiojornalismo produzido nas universidades “trata-se de uma extensão que é mais do que prestação de serviços à comunidade. Tem natureza participativa e colabora para construir conhecimento junto com a sociedade”.

Com vistas a expandir ainda mais essa relação, em março de 2020 o Espaço Experimental foi aprovado no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) da UFPB, com a oportunidade de ampliar ainda mais as ações e as parcerias estabelecidas.

Exemplo do compromisso em aprofundar as pautas e o alcance do radiojornalismo para além da comunidade acadêmica é a diversidade de temas abordados no programa laboratório: saúde (Autismo, Combate à AIDS, Saúde Mental); Direitos Humanos; Acessibilidade e Cidadania; Comportamento (Transição Capilar, Padrões de Beleza), Cultura (cinema, literatura, música, festejos juninos), entre diversas temáticas de interesse geral.

Com carga horária de 60 horas, equivalente a quatro créditos, é sugerido ao discente, por meio do Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFPB, que a disciplina de Planejamento seja cursada simultaneamente à Oficina de Radiojornalismo. Esta última tem a carga horária de 150 horas e nela ocorre a edição e montagem do programa-laboratório.

A ementa da disciplina de Planejamento propõe abranger todas as etapas da produção em radiojornalismo, do planejamento à veiculação e disponibilização do conteúdo. Também pretende apresentar aos alunos os diferentes gêneros e formatos das mídias sonoras.

A disciplina Oficina de Radiojornalismo, por sua vez, funciona nos moldes de uma redação jornalística, com uma rotina produtiva que vai da pauta à edição. Os alunos participam de reunião de pauta e, a cada semana, uma equipe trabalha a execução do programa que irá ao ar no sábado seguinte, elaborando desde o espelho do Espaço Experimental até o roteiro completo que será narrado pelos alunos-apresentadores.

Textos de notas, reportagens, roteiro de entrevistas e *scripts* dos programas são sempre revisados pela professora, que coordena todo o processo. Aos alunos cabe a edição de áudio de suas matérias e o acompanhamento na montagem do programa, geralmente a cargo do técnico de estúdio e de monitores das disciplinas citadas.

Desde 2012, com a criação do blog e da página do Facebook Laboratório de Radiojornalismo UFPB, a rotina produtiva do programa Espaço Experimental está atrelada aos processos de adaptação proporcionados pelo jornalismo multiplataforma e a convergência do rádio com a internet. Até então, a veiculação se dava exclusivamente na rádio Tabajara AM 1110.

Com a criação do blog e página no Facebook, em um esforço capitaneado pelo professor Carmélio Reynaldo, os alunos incorporaram outras tarefas: produzir fotos dos entrevistados e escrever textos com o resumo das reportagens e do programa em questão. A existência do blog tornou possível publicar o Espaço Experimental na íntegra, como também o seu

compartilhamento por meio da internet, tornando-se, o blog, um importante arquivo do material produzido. Com esta iniciativa, público, alunos e fontes ganhavam a possibilidade de acessar o conteúdo após sua emissão na rádio e fazer o *download* para armazenamento.

Por meio de uma articulação das duas disciplinas, ambas ministradas pela mesma professora, é possível estabelecer um cronograma de atividades que possibilita a transmissão do programa, sob a incumbência dos alunos da disciplina de Oficina, mas com o apoio de material sonoro gerado na cadeira de Planejamento. Desse modo, a turma funciona como uma espécie de redação integrada, com subdivisão de grupos e tarefas.

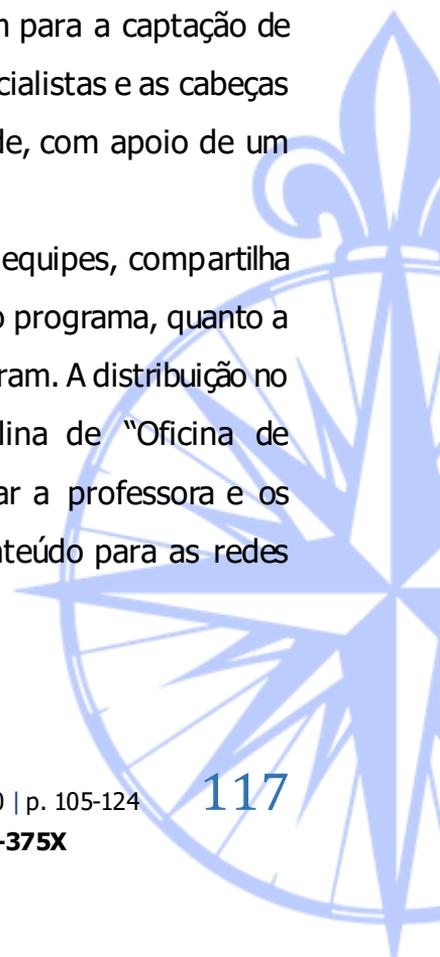
Ao longo do semestre, os alunos passam por todas as etapas produtivas: produção, reportagem, edição e apresentação do programa. Além dessas atividades específicas com a mídia sonora, a veiculação do Espaço Experimental requer rotinas específicas no que tange à divulgação do conteúdo nas redes sociais Facebook e Instagram e na distribuição no blog e no Spotify<sup>5</sup>.

Esse exercício multitarefa geralmente é realizado pelos alunos, por meio de smartphone. O dispositivo móvel é utilizado também para a captação de áudio das reportagens. Apenas as entrevistas com especialistas e as cabeças dos programas são gravadas no estúdio da universidade, com apoio de um operador de áudio.

A turma, distribuída em torno de quatro a cinco equipes, compartilha tarefas de modo a produzir tanto o conteúdo sonoro do programa, quanto a disponibilização de conteúdo para o Facebook e o Instagram. A distribuição no blog e no Spotify é feita pelo monitor da disciplina de “Oficina de Radiojornalismo”, responsável também por acompanhar a professora e os alunos na gravação em estúdio. Já a produção de conteúdo para as redes

---

<sup>5</sup> <https://open.spotify.com/show/54AraFNbI69bBbpbkMUQJg>



sociais Facebook e Instagram tem o acompanhamento do monitor da disciplina “Planejamento e Produção”.

Para alimentar as redes sociais na internet, os discentes atuam na criação e publicação de conteúdos (fotos, vídeos, artes e textos), mostrando bastidores da produção do programa, apresentando vídeos da gravação e, mais recentemente, as manchetes do programa e da entrevista de estúdio.

Essas estratégias, incorporadas à rotina produtiva do programa laboratorial, contribuem para ampliar a presença do Espaço Experimental na *web*, bem como chamar a atenção do público para a transmissão do programa na rádio Tabajara, aos sábados.

Distribuídos em grupos, os alunos ficam responsáveis pela edição do programa, cabendo a eles a realização das reportagens externas e as entrevistas gravadas no estúdio do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da UFPB. Como foi dito, os discentes utilizam os próprios celulares e fones de ouvido para a captação do áudio das produções externas. A utilização das tecnologias digitais permite a inserção dos alunos num ambiente móvel de produção (FIRMINO, 2007) que está alinhado à cultura da convergência e participativa.

Essas ações viabilizam a produção colaborativa e integrada, aproximando o aluno da realidade vigente no mercado de trabalho. No curso de Jornalismo da UFPB, as disciplinas de radiojornalismo são oferecidas no mesmo período da disciplina “Jornalismo Multiplataforma I”, o que contribui para as reflexões sobre a integração das mídias na sociedade atual.

É possível dizer que os alunos têm a oportunidade de planejar conteúdos numa linguagem multiplataforma, o que contribui não apenas na produção de radiojornalismo, mas de qualquer outra mídia. Entende-se que as práticas de ensino adotadas visando à produção do Espaço Experimental se encaixam no novo perfil do jornalista multiplataforma, a partir da compreensão do rádio expandido. Para Kischinhevsky (2016, p. 107):

O momento é para repensar a produção do conteúdo, já que os ouvintes agora querem interagir – opinando, sugerindo, criticando ou elogiando. Além disso, a interação com os ouvintes tornou-se estratégica para as emissoras que produzem conteúdos jornalísticos, principalmente porque a “participação do público, mencionado ou não na programação em ondas hertzianas, estabelece um novo nível de diálogo, mesmo que em bases desiguais.

Nesse sentido, a produção passa a ser uma etapa em que os alunos pensam questões como: de que forma tornar o programa agradável ao público que escuta apenas pela internet? Uma das respostas é: adaptando a linguagem, de forma a tornar a narrativa mais leve e próxima de uma conversa entre os apresentadores, repórteres, entrevistados e entre estes e o público. Por isso, a expansão do conteúdo para o streaming tem sido uma realidade.

## **Das ondas ao streaming: a veiculação do Espaço Experimental no Spotify**

Como dito anteriormente, a partir de outubro de 2018, o programa Espaço Experimental passou a ser distribuído no Spotify, que se autodefine como “um serviço de streaming digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo o mundo”<sup>6</sup>.

O Spotify sinaliza o transbordamento do rádio do dial para o podcasting, sendo, portanto, exemplo da “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 6). O serviço que nasceu ofertando o consumo de música na internet, é hoje uma ampla janela de acesso aos mais diversos conteúdos e formatos jornalísticos. Essa forma de consumir conteúdo sonoro passou a ser utilizada como estratégia de distribuição do Espaço Experimental.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://support.spotify.com/br/using\\_spotify/getting\\_started/what-is-spotify/](https://support.spotify.com/br/using_spotify/getting_started/what-is-spotify/)>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Por meio do smartphone e da plataforma Spotify, o programa Espaço Experimental é apresentado aos alunos, nas primeiras aulas das disciplinas de radiojornalismo. Eles percebem o quanto é interessante a possibilidade de ouvir o programa, a partir de diversas temáticas e, ainda, compartilhar rapidamente o conteúdo pelas redes sociais na internet e aplicativos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp. Destaca-se que a oferta deste conteúdo ocorre somente após a exibição na rádio Tabajara, matriz primeira de transmissão do Espaço Experimental.

A hospedagem do áudio na plataforma Anchor permite o processamento do programa no próprio Anchor, no Spotify, e em outras seis plataformas de áudio: Breaker, Castbox, Google Podcasts, Pocket Casts, RadioPublic e Stitcher. No entanto, o esforço conjunto de discentes, docente e monitores se dá no gerenciamento de uma única plataforma, o Spotify.

O programa tem passado por um processo de reconfiguração da linguagem, tendo em vista as características das novas tecnologias da informação, que potencializam a convergência entre rádio e internet, conforme já discutido neste artigo. Nesse sentido, no segundo semestre de 2018 teve início um processo de experimentação de novas narrativas, o que está em consonância com a própria essência do programa, a saber, funcionar como um “espaço experimental” para os futuros jornalistas. O programa passou a ter dois apresentadores e a investir numa linguagem mais dinâmica e coloquial, buscando estabelecer um tom de conversa entre os dois alunos apresentadores, bem como entre estes e os repórteres e entrevistados. De um programa mais voltado aos assuntos acadêmicos (eventos, projetos de extensão, ensino e pesquisa), passamos também a adotar temáticas sugeridas pelos discentes, com uma abordagem educativa, e que têm pouco espaço na mídia em geral. Durante o semestre, cada equipe produz três programas na disciplina “Oficina de Radiojornalismo”, os dois primeiros seguem a estrutura de um programa radiofônico informativo, com notas, reportagens, entrevista de estúdio e colunas de opinião. No último programa, os alunos têm a

liberdade de trabalhar um único tema e a ideia é adotar a estrutura de um podcast educativo, em formato de mesa redonda, com possibilidades de conversas e comentários entre os apresentadores e com as fontes, saindo mais do roteiro pré-estabelecido do *script* de programa informativo.

Os dados a seguir foram extraídos da plataforma Anchor, onde ocorreu a hospedagem do Espaço Experimental e consequente distribuição, conforme descrito anteriormente. No que se refere ao Spotify, os dados do Anchor mostram que 51% dos ouvintes são do sexo feminino e 46% são do sexo masculino. Quanto à plataforma, 79% dos programas são acessados por meio do Spotify, 6% através do Anchor e 15% nas demais plataformas.

Todas as edições semanais produzidas entre agosto de 2018 e março de 2020 foram disponibilizadas nas plataformas de streaming. A tabela 1 apresenta a ordem de classificação dos 10 programas mais acessados, suas temáticas e número de acessos, durante o citado período.

Até o presente momento, não foram realizados levantamentos sobre as formas de repercussão do programa e sua audiência efetiva no Spotify ou nas demais plataformas, o que pode ser objeto de investigação posterior. Ao trazer esses dados, pontuam-se os esforços empreendidos, a partir das estratégias de ensino nas disciplinas de radiojornalismo, no sentido de ampliar a propagação do Espaço Experimental, considerando as possibilidades disponíveis por meio do streaming.

**Tabela 1:** Programais mais ouvidos

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>ACESSOS</b>
<b>1º</b>	Setembro Amarelo	40
<b>2º</b>	Autismo	31
<b>3º</b>	Saúde - AIDS	30
<b>4º</b>	Cultura - São João	27
<b>5º</b>	Cenário Musical Paraibano	26

<b>6º</b>	Cultura - São Pedro	25
<b>7º</b>	Transição Capilar	25
<b>8º</b>	Globolab	24
<b>9º</b>	Despedida do Profº Carmélio Reynaldo e os rumos do radiojornalismo	22
<b>10º</b>	Resumo da Temporada	22

**Fonte:** Adaptado da Plataforma Anchor

## **Escutas finais: algumas considerações**

Das ondas ao streaming, ouvimos o rádio extrapolar seu alcance, promovendo educação, cultura e cidadania, sendo um meio de comunicação convergente, multiplataforma, expandido. Para este veículo centenário, há tantas possibilidades quanto mídias, narrativas e ideias disponíveis.

Embora tenham sido apresentados dados de consumo do Espaço Experimental no Spotify, não foi objetivo deste artigo discorrer sobre as estratégias de relacionamento com o público, o assunto pode ser explorado em pesquisas posteriores, dada a importância de se conhecer os processos de colaboração entre ouvintes e produtores.

Focado no aspecto da produção, este artigo demonstrou como se dá a dinâmica das disciplinas de rádio no curso de Jornalismo da UFPB, sobretudo nos últimos dois anos, compreendendo que a formação dos discentes ocorre na ambiência entre teoria e prática, no contexto do rádio expandido e do jornalismo multiplataforma, sendo a academia um lugar propício para criar, testar e promover experiências.

É isto o que propõe o programa de rádio Espaço Experimental: ser um permanente laboratório de aprendizado, com escuta atenta e ativa aos sons do vivido, de modo que a universidade cumpra seu papel de colaborar com a sociedade na construção do conhecimento.

Entende-se que o processo de integração das disciplinas e das atividades realizadas visando ao processo de produção do programa Espaço

Experimental na rádio Tabajara, sua distribuição para o Spotify e divulgação nas redes sociais Facebook e Instagram, contribui para a aprendizagem qualificada dos futuros jornalistas. Prova disso é a aprovação de alunos das disciplinas em processos seletivos para estágio na rádio CBN João Pessoa, rede Tambaú de Comunicação (afiliada local do SBT) e G1 Paraíba, por exemplo, a produção independente de podcasts criados pelos discentes, bem como a realização de trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre rádio e podcast.

Entende-se, portanto, que os métodos de ensino empregados contribuem para aprimorar competências técnicas e teóricas, promovendo a articulação entre produção, distribuição e consumo dos conteúdos sonoros no atual cenário de convergência de mídias.

O estudo do rádio expandido no contexto do jornalismo multiplataforma, o relato sobre as atividades, em andamento, no ensino de radiojornalismo, bem como a análise do programa Espaço Experimental demonstram as possibilidades que docentes e discentes possuem de agregar teoria e prática, a novas formas de ouvir, produzir e distribuir mídia sonora. Entre tantos caminhos possíveis, busca-se reforçar que, ao ultrapassar as ondas hertzianas, expandindo-se para as redes sociais na internet e a distribuição via streaming, o rádio promove convergências, amplia narrativas, relações e significados. É neste lugar que o consumo de áudio ecoa novas vozes, escutas, imaginários, sendo, em essência, um espaço dotado de experimentações.

## Referências

- APLICATIVO, Anchor. Acesso em: 18 de março de 2020.  
FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.  
FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista FAMECOS** (Online), v. 17, p. 172-180, 2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8185/5873>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FERREIRA, Bruna do Carmo et al. Espaço Experimental: as redes sociais como parte da produção do novo radiojornalismo. *In*: XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. São Luís, MA, 30 de maio a 01 de junho de 2019. **Anais...**

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all News brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom Books, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. *In*: Intercom 2001. **Anais...** Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-ensino-do-radiojornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2009.

MEDITSCH, Eduardo. A questão da prática de Paulo Freire e o Projeto Universidade Aberta do Curso de Jornalismo da UFSC. *In*: PERUZZO, Círcia Maria Krohling; SILVA, Robson Bastos da. (Orgs.). **Retrato do Ensino de Comunicação no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, Taubaté: UNITAU, 2003. p. 241-254.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia. Perfil do ensino de rádio no Brasil. *In*: LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo; ZUCULOTO, Valci (org). **Estudos Radiofônicos no Brasil 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: [s. n.], 2016, p. 204-215.

PRATA, Nair. **Webradio**: Novos Gêneros, Novas Formas de Interação. Florianópolis: Insular, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. *In*: CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, UBI, LabCom, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**: convergência de meios y reorganización de redacciones. Barcelona, Editorial Sol 90, p.45, 2008.

SILVA, Fernando Firmino. **Uso de dispositivos portáteis na produção da notícia**. *In*: **Jornalistas da Web**. Disponível em <http://www.jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudoTipo=2&idConteudo=2241>. Acesso em: 20 ago. 2007.

SOUSA, Moacir Barbosa de. Evolução histórica do radiojornalismo paraibano. *In*: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, RJ, 5 a 9 de setembro de 2005. **Anais...**

